

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 18000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 18125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS 570) RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL... 25000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANÚNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA NUMERO, 7

AVEIRO

FRIAMENTE

A votação de Lisboa veio simplesmente demonstrar que o espirito publico se vae cangando da insignificancia já incontestavel dos nossos dirigentes, da falta de convicções e de seriedade com que expõem as doutrinas democraticas todas as vezes que, por circunstancias independentes da sua vontade, são levados do campo das personalidades para o campo dos principios, e, principalmente, das intrigas, das calumnias, dos odios e dos despeitos que se lançam contra nós e devoram outros dos individuos salientes da democracia portugueza. Não tentem ludibriar o publico com supostas pressões governativas para explicar os nossos desastres na capital do reino. Não nos venham, por exemplo, dizer que perdemos as eleições no bairro oriental porque os officiaes dos regimentos allí estabelecidos foram votar em massa no governo, porque uma tal politica, se não é contraproducente pela susceptibilidade que provoca no animo independente dos officiaes do nosso exercito, é pelo menos transparente de mentira e risivel de fraqueza. Os officiaes do exercito votam como julgam e entendem, sem pressões que não admittem e imposições que não aceitam. Mas se votam nos governos, como diabo ganhavamos nós as eleições pelo bairro oriental e as perdemos d'esta vez? Se a votação d'elles deu ao governo a maioria, como succede que sendo a votação dos quatro regimentos do bairro oriental de 120 votos, suppondo que votaram todos no governo e suppondo cada regimento a trinta officiaes, o que geralmente se não dá, nós perdemos por 500? E' melhor não estarem allí a esgrimir contra os moínhos no meio da gargalhada publica e procurarem as causas da desgraça para as remediar. Convem mais confessar os desastres que soffremos, para tirarmos da consciencia da derrota forças para commettimentos mais levantados e mais dignos, do que estarmos a campar de victorias

que não obtivemos e a appellarmos para recursos revolucionarios que ainda mais nos compromettem e desacreditam no conceito do paiz, porque alem de quichotadas sem valor que só demonstram a inepecia e a toleima dos nossos dirigentes pela maneira porque as apregõem, a revolução não depende da vontade de ninguém, nem se organiza como se organiza os clubs. Deus lhes valha e lhes acuda, que só a misericordia divina será capaz de os allumiar com um raio de bom senso no labyrintho em que se metteram e onde metteram os outros por desgraça!

Não persistam n'esse terreno alagadiço, que emquanto não passarem a confessar os proprios erros, emquanto forem impenitentes na tolice, não dão garantias a ninguém de bom governo e tino no futuro.

A causa primeira e principal das nossas decadencias e fraquezas, está no vicio mais pernicioso dos partidos, no vicio das personalidades. Fala-se do fetichismo monarchico, mas nós não conhecemos fetichismo mais repugnante que o fetichismo do partido republicano portuguez. Entre nós ha deuses, verdadeiros deuses, com cortejo de crentes e fanatismo de fies. E o Deus predilecto da ignorancia nacional, uma especie de Mafoma, com loucinho, porque gosta de bons petiscos ao que consta, é o sr. Magalhães Lima. Louro, olhos azues, sympathico, bom rapaz, voz de trombão e coração de pomba, tinha os requisitos indispensaveis para S. Antoninho da plebe. E a plebe collocou-o no altar, accendeu-lhe velas e adorou-o.

Não grite, nem barafuste o sr. Magalhães Lima que lhe damos decompostura brava. Bem vê como o estãmos tratando docemente. E não tem de que se admirar em o discutirmos bastas vezes. O sr. Magalhães Lima, alem de membro do directorio republicano, é director do primeiro jornal em publicidade do partido. Portanto, competem-lhe duplos deveres e duplas responsabilidades.

Reconhecido Deus, ella, que nunca pensara exceder a craveira de romancista recoco e de folhetinista de 3.ª ordem, desvai-rou com o fanatismo da plebe e

deu-se com esmero ao cultivo do vicio pernicioso de que atraz fallamos. Fez politica pessoal, d'um pessoalismo intransigente, d'uma cegueira de vaedade que o não deixava olhar aos meios nem aos instrumentos do combate. Mas sem talento, sem capacidade, sem firmeza para se equilibrar em tão difficil situação, tinha de cahir redondamente e de arrastar na queda a religião toda dos seus ouvintes de cenicio.

Foi assim que nós vimos expulso das fileiras democraticas tantos homens de valor e outros tantos remetidos a um silencio completo. Foi assim que nós vimos e estamos vindo para ahi degladiarem-se paixões repugnantes n'um indecoroso espectáculo.

Mal se fundava a *Era Nova* e logo do *Seculo* partia uma guerra tenacissima áquelle periodico. O sr. Silva Lisboa era um vaidoso insupportavel, um nullo, um insignificante. O despeito foi crescendo na troupe da rua Formosa e quando o sr. Silva Lisboa sahia da cadeia com uma popularidade que fazia sombra á do sr. Magalhães de Lima, tinha chegado o momento necessario de o arremessar ás feras.

Contra a *Folha do Povo* apontavam-se setas envenenadas a todos os instantes. E quando esse jornal ousou não concordar com a lista confeccionada pelos deuses da republica para as penultimas eleições municipaes, houve uma noite de tormenta na redacção do *Seculo*. A *Folha do Povo* estava vendida ao governo e os seus redactores tinham recebido uns certos cobres para favorecer as candidaturas monarchicas!

O sr. Alexandre da Conceição era um jornalista de talento, que illustrava o *Seculo* com magnificos artigos. Mas tinha talento, que era um crime! E tanto o incommodaram e torturaram com intrigas miseraveis, que o sr. Alexandre da Conceição teve de abandonar o *Seculo*! Depois, era tambem vendido ao governo, e doído por muitissimo favor quando publicava no *Povo de Aveiro* uma carta de protesto contra a marcha incutida pelos *papas* ao partido republicano.

Emfim, é longa e innumeravel a lista das calumnias, das intrigas, das perseguições, que tanto tem dilacerado este partido

pelos homens que veem inutilizando, pela descrença que levaram ao espirito de tantos, pelo retrahimento que provocaram em muitos outros e pelo nojo que suscitam em toda a gente honesta. E' um escarneo, uma vergonha, um vomito. A pouco e pouco a iremos desfiando com a demonstração inteira das causas do abatimento em que cahimos.

ZANGÃOS

Não foi por sentimentalismo partidario que nos resolvemos a entrar nas eleições passadas. De ha muito que sabemos que são inuteis todos os empenhos, ao menos por enquanto, para regenerar este paiz e baldados todos os esforços que se empreguem para levantar o partido republicano, desorientado para muitos annos pela inhabilidade dos chefes e pela ignorancia e desmoralisação de quasi todos os soldados. Fomos á urna porque não queriamos que nos accusassem de fugir na occasião do perigo e para não dar lugar a interpretações insidiosas e estupidas.

Entretanto, a mosca varejeira que se ergue atordada do futuro, não raro procura investir com as carnes frescas que lobriga. Se não fossemos á urna, estavamos decididamente conluídos com a monarchia. Embora tivéssemos carradas de razão para nos abster da lucta, já pela attitudo dos chefes para commosco ha muito tempo, já porque essa abstenção era estritamente coerente com a nossa propria attitudo no partido, já porque o tinhamos prometido se se dessem umas certas circunstancias que se deram realmente, já porque o directorio não nos ministrando instrucções como ministro aos outros jornaes todos, dispensava *ipso facto* o nosso auxilio e a nossa propaganda eleitoral. Embora tivéssemos isso tudo a justificar uma conducta de neutralidade e abstenção, e por muito menos se absteriam alguns outros, não deixaríamos de estar vendidos ao governo. Mas julgam os republicanos de sinceridade que nos leem, que deixámos de o estar trabalhando pe-

las candidaturas republicanas da forma que se viu? Pois não; egualmente nos vendemos ao sr. Manuel Firmino, porque fizemos um *acordo* com as auctoridades progressistas!

Em Aveiro, como em toda a parte, ha republicanos verdadeiros que trabalham, ha outros que se dizem republicanos mas que demonstram em tudo que o não são e ha outros que poderão sê-lo muito bem, mas que não são susceptiveis de dar um passo pela causa que defendem. Os primeiros são poucos, são mesmo o menor numero, ainda como em toda a parte.

Na vespera das eleições procurou-nos um influente progressista, e disse-nos que estava feito um *acordo* entre todos os grupos monarchicos da localidade e que se não quizessemos fazer ruido em volta d'esse *acordo* nos segurariam uma votação superior áquella que poderíamos obter. Não havia concessões, não havia pactos, não havia troca de votos, não havia nada. Não nos propunham que votássemos um nome dos monarchicos em troca d'um certo numero de votos para outro nome republicano. Apenas nos offereciam alguns votos a mais do que aquelles que poderíamos obter, se deixássemos correr o escrutinio com o socego que requeriam.

Não havia nada mais simples e que menos se parecesse com um pacto. Fazer barulho para quê? Era gritar no deserto. Não aceitar porque? Era comprometter totalmente a votação republicana. Não só porque nos sugereavamos a todas as maroteiras e falsificações que aos contrarios aprouvesse, que são n'essas cousas do ultimo cynismo, como por que, não havendo lucta, arriscavamos-nos devéras a ficar sem votos... por falta de votantes. Sendo as nossas forças insignificantes comparadas com as forças dos monarchicos, e não indo elles á urna porque estavam combinados, onde encontrar eleito- res para a nossa propaganda? Por que é á beira da urna que ella principalmente se exerce, é ahi que se arranjam alguns votos furando as listas dos contrarios, é ahi que os animos irritados pelo combate propendem para os republicanos. Se não havia lucta, claro é que todas as probabilida-

POLMETIM

A EUCHARISTIA

Não falaremos como theologos n'esta questão delicada. Submettidos de coração e de espirito á religião em que nascemos e ás leis em que vivemos, não agitaremos a controversia, que é muito inimiga das religiões que se gaba de sustentar, de todas as leis que fluge explicar, e sobre tudo da concordia que baniiu da terra em todos os tempos.

Metade da Europa anda anathematisando a outra a proposito da Eucharistia e ha perto de duzentos annos que o sangue corre desde as praias do mar Baltico até aos pés dos Pyreneus por causa d'uma palavra que significa — *doce caridade*.

Vinte nações se horrorizam, só n'esta parte do mundo, com o systema da transubstanciação catholica. Gritam que o dogma é o ultimo esforço da loucura humana. Attestam a famosa passagem de Cicero que disse que os homens, tendo esgotado todas as espantosas demencias de que são capazes, nem sequer se livraram de comer o Deus que a-

doraram. Dizem que sendo quasi todas as opiniões populares fundadas em equívocos e em abusos de palavras, os catholicos romanos não fundaram o seu systema de eucharistia e transubstanciação senão sobre um equívoco; que tomaram ao vivo o que não poderia ser dito senão em figurado e que ha mil e seis centos annos que a terra é ensanguentada por logomachias e *mal-entendus*.

Os seus prégadores no pulpi- to, os seus sabios nos livros, os povos nos seus discursos, repetem incessantemente que Jesus Christo não tomou o seu corpo com as suas duas mãos para o

dar a comer aos apostolos; que um corpo não pode estar em cem mil logares ao mesmo tempo, no pão e no calice; que o Deus formador do Universo não pode estar n'esse pão que se converte em excrementos e n'esse vinho que se converte em urina; que esse dogma pode expor a religião christã a uma irrisão completa, ao desprezo e á execração do resto do genero humano.

E' o que dizem os Tillotson, os Samaldrige, os Turrentin, os Claudios, os Daillé, os Amyraut, os Mestrezat, os Dumoulin, os Blondel e a innumeravel multidão dos reformadores do seculo XVI, enquanto o mahometano

pacífico, senhor da Africa, da parte mais bella da Asia, se ri com desdem das nossas disputas, que o resto da terra ignora.

Não questiono, repito; acredito vivamente em tudo o que a religião catholica ensina sobre a eucharistia, mas confesso que não comprehendo uma palavra.

Entretanto comprehende-se o movel d'esse sacramento. Trata-se de pôr aos crimes o maior freio possivel. Os estoicos diziam que traziam Deus no coração, seguindo as expressões de Marco Aurelio e de Epicteto, os mais virtuosos de todos os homens, uma especie de deuses sobre a terra. Por estas palavras, eu tra-

dos se voltavam contra nós. Não falando já nas falsificações de que podíamos ser victimas, tanto mais de esperar quanto é certo que nos achavamos sózinhos, estavamos mais arriscados do que nunca a ficarmos... às moscas! E' verdade que eram moscas menos perigosas do que estas moscas varzeiras a que nos estamos referindo.

Ora eis ahí o grande accordo com que nos anham zumbindo aos ouvidos. Accordo de que nos orgulhámos, fiquem certos. Accordo de que havemos de fazer tantos quantos sejam necessários nas occasiões precisas. Se tivéssemos combinado com os adversarios dar-lhe metade dos nossos votos em troca de metade dos votos d'elles, se tivéssemos combinado desistir da lucta a troco de qualquer julgado municipal, se preferíssemos qualquer estrada por ao pé da nossa porta a affirmar na urna os principios republicanos, como fazem os nossos correligionarios que andam lá pelas alturas, então sim, que seria vergonhoso transigir. Mas apenas desistir de bafuradas de forças que não podíamos ter para segurar a votação republicana... Onde está aqui o accordo? Por ventura fomos aconselhar os nossos amigos a que não fossem á urna? Não foram elles lá? Não correu o escrutinio? Foram e tudo se passou como se nada existisse. Com a differença de que ficámos com 170 votos em lugar de 100. Isto é, sem comprometter ninguém, sem imposições de qualidade alguma, obtivemos perto de 100 votos com uma concessão insignificatissima. Assim é que se faz politica. E se temos censurado os chefes, é por elles nunca terem sabido aproveitar-se das fraquezas do inimigo. Já uma vez o dissemos e agora o repetimos:—ha combinações de tal ordem que se não podem nem devem recusar. O crime não é fazê-las; é não as saber fazer.

E' boa! Veem estes zangãos, sem aptidões para coisa alguma d'esta vida, murmurar de quem lhe elevou a votação que elles não sabiam obter. Se fossem do numero dos que produzem o trabalho, sabiamos nós perfeitamente como evitar que o governo nos roubasse os 200 votos que roubou. Mas fossem-lhe lá dizer que se dessem ao trabalho de sahir d'Aveiro por algumas horas para vigiar as assembleias de que o circulo se compõe!... Foi por nós sabermos de mais com quem lidavamos, que fomos segurando a votação onde podíamos. E a pena com que estamos é não nos terem proposto o decantado accordo em todas as assembleias d'este circulo. Se o propozessem, deixem estar que não nos roubariam 30 votos em Ilhavo, nem 53 na Oliveirinha, nem 50 em Agueda nem todos os mais que elles quiseram. Assim, não só ficámos sem elles, como não evitámos as chapelladas. Perdemos tudo.

Ora os zangãos, que julgavam emudecer-nos com o puritanismo que fingiam! Por os chefes serem da vossa escola e da vossa força, é que nós andámos aqui em progresso da caranguejo. Fossem elles homens, e não teríamos já que lamentar a derrota

que acabámos de soffrer. Aprenderam bem com as lições de 1884. Como hão de aprender com estas, deixem estar. Como vós, zangãos, haveis de aprender no dia em que, abandonando-vos á vossa propria sorte, levardes pontapé de meia lua dos monarchicos da terra. Pois não faria que vos deixemos n'esse estado. E então é que se hão de ver as vossas valentias e as vossas aptidões.

Lê-se na Folha do Povo:

O Diario Popular de hoje transcreve do Povo de Aveiro, periódico republicano que ha muito tempo se mantém n'uma attitudde de violenta hostilidade contra o Directorio e os principaes homens do nosso partido, um artigo em que se procura amesquinhar a votação republicana de Lisboa e se fazem outras acisações que muito agradaram ao Diario Popular, pois que as transcreveu.

Respeitamos a liberdade d'opinião, e por isso entendemos que o Povo de Aveiro está no seu direito fazendo as apreciações que melhor julgar.

Entretanto dir-lhe-hemos que é de uma injustiça atroz com o sr. dr. Manoel d'Arriaga, accusando-o de não ter ido á ilha da Madeira tratar das eleições, por egoismo.

Ora o sr. dr. Manoel d'Arriaga tem dado as mais levantadas provas de dedicação e de nte e se pela causa republicana em geral e por muitos r publicanos em particular, e todos nós sabemos isto.

Mas era impossível que o sr. dr. Manoel d'Arriaga fosse á Madeira nas circumstancias actuaes, achando-se sua esposa em adiandada gravidez, e tendo cinco filhinhos de menor idade.

Porque acima dos interesses, por mais levantados, d'uma eleição, todos hão de comprehender que estão os deveres de chefe de familia, de esposo e pae, deveres que o sr. dr. Manoel d'Arriaga cumpre com a mais exemplar dedicação.

Talvez o Povo de Aveiro ignorasse as circumstancias que deixamos referidas, e por isso accusou injustamente do egoista o sr. dr. Manoel d'Arriaga.

Comprehendem-se as intenções, e são louváveis, com que a Folha do Povo pretende defender o sr. Manoel d'Arriaga. Mas quanto ao facto alludido estamos na mesma. A Folha do Povo entende que os deveres de familia estão acima d'uma eleição. Nós entendemos que os deveres d'uma ideia e as responsabilidades de dirigente d'um partido estão acima de tudo. Se o sr. Manoel d'Arriaga não quer proceder assim, já lhe indicámos o caminho a seguir. Que passe á categoria de simples soldado e então sim, senhores, poderá fazer tudo como queira. Assim como um militar tem de marchar quando a disciplina lh'o ordena, sejam quaes forem as circumstancias particulares da sua vida, assim o individuo collocado na direcção d'um partido democrata não tem a que attender quando os principios reclamam os seus auxilios. E' o que nos parece!

Mas admitindo mesmo o caso particular da vida do sr. Arriaga que a Folha do Povo relata, permitta-nos que perguntemos:—para que entrou então o sr. Arriaga em negociações com o directorio sobre a sua ida á ilha da Madeira? E' esquisito que o sr. Manoel d'Arriaga não podesse preterir os seus deveres de chefe de familia e impozesse ao directorio as condições em que poderia ir á ilha da Madeira! Muito esquisito.

De resto, o facto de censurarmos esse acto da vida publica do sr. Mauuel d'Arriaga não nos

inhibe de termos tambem nós pelo illustre advogado a consideração de que o seu caracter é cretor e de lhe reconhecermos os serviços que tem prestado á democracia. Não censuramos ninguém por despeito, mas por espirito de justiça.

ELEIÇÕES

Em 1884, estando já este jornal n'uma attitudde de revolla, mas não tão violenta como hoje, o directorio do partido não nos consultou a nós, nem consultou nenhum republicano do districto sobre a organização da lista republicana, quando para o mesmo fim tinha consultado todas as outras agremiações e individualidades reconhecidas no partido. E não nos consultou, porque o sr. Magalhães de Lima o impediu, como consta das actas das sessões do directorio. E sabem porque o impediu? Lá vae uma á Jacquimsinho! Porque o sr. Magalhães Lima declarou aos seus collegas que estando em combinação com seu pae sobre a sua candidatura pela minoria republicana no circulo d'Aveiro e não estando ultimadas as negociações, convinha não dizer nada aos republicanos de Aveiro. Assim se fez. Desalentaram os republicanos d'aqui pela desconsideração que lhe fizeram, não lhe incutiram alento nem estímulo para a lucta e quando foram a procurar a candidatura de sr. Magalhães Lima encontraram só os cem votos dos nossos amigos que, mesmo desconsiderados e desalentados, lá foram honradamente votar no sr. Jacintho Nunes.

Agora deu-se outro facto analogo. O sr. Magalhães Lima declarou a todos os seus amigos de Lisboa que arranjaria por Aveiro uma grande votação para o sr. Jacintho Nunes porque seu pae votava no José Dias Ferreira e n'esse candidato republicano. Garantimos esta affirmação.

Ora trazemos isto para aqui afim de que se veja bem o fim dos nossos dirigentes. O sr. Sebastião a propor o filho pelas minorias d'este circulo! O sr. Sebastião a votar por influencias do filho no sr. Jacintho Nunes! Quem conhecer os dois muito se ha de rir. E é com estas e outras que os nossos homens perdem o tempo em phantasias. E assim se põe de parte um grupo importante como o grupo republicano d'Aveiro. E é por estas e por outras que andamos aqui aos tranbaldões.

Vão vendo se temos ou não temos razões para falar.

Como declaramos no nosso ultimo numero, havendo n'este districto elementos de valor, o directorio não consultou nenhum, nem de nenhum fez caso. Ainda assim, apesar da abstenção justificada d'esses elementos, a votação republicana no districto de Aveiro é de muitissimo valor. Não cessaram os republicanos, isto é, a garotada dos chefes de berrar que a attitudde do Povo de Aveiro inutilisava as forças democraticas n'este circulo.

Pois, não obstante, a nossa votação mantida e segura pelo Povo de Aveiro, isto é pela influencia dos seus amigos, é superior a trezentos votos. Leiria, capital de districto, deu 45 votos aos republicanos. Villa Real, onde se publica um jornal republicano, todo aguas mornas e todo chefes, cento e tantos. Porto, facção oliveirista, duzentos, pouco mais ou menos. Olhão, terra do Algarve, provincia que os chefes consideram o seu baluarte, 105. Silves, nos mesmos casos, setenta e tantos. Coimbra, onde se não contam dissidencias, pois que é toda dos dirigentes, na sua parte republicana, está claro, com Elvas, onde os chefes se apoderaram ha pouco d'um jornal dissidente, a Sentinella da Fronteira, 15. Evora, menos de 100. Setubal, onde a influencia do sr. Jacintho Nunes é grande, 400. E Aveiro onde nós inutilisavamos todas as forças democraticas, 325 para o sr. Theophilo Braga, segundo o apuramento final, 205 para o sr. Jacintho Nunes e 95 para o sr. Alves da Veiga! Votação que não devemos a favores por isso que o accordo não fez senão segurar-nos a nossa votação regular nas assembleias da cidade.

Os algarismos que ahí ficam são eloquentes bastante para nos evitar commentarios.

As actas da Oliveirinha foram fabricadas em casa do sr. Mattoso. Pantominice sabida! O sr. Mattoso não perde assim os costumes antigos! Roubaram-nos 53 votos.

Em Ilhavo desappareceram-nos trinta listas. Em Agueda e Albergaria a mesma cousa. Se nós tivéssemos gente, quer dizer, se os nossos saladores insupportaveis, trabalhassem tanto como falam, sabiamos bem como se evitavam esses roubos. Mas enquanto forem poucos a trabalhar e muitos a falar, não se evitarão essas poucas vergonhas. Ainda assim, se não nos roubaram mais, deve-se á nossa influencia moral. De contrario não ficaríamos com 100 votos.

Lê-se no Seculo:

O Diario Popular transcrevia hontem de um papel da provincia uma furiosa e brava descompostura applicada ao sr. Magalhães Lima. Nem assim o referido papel provincial conseguiu uma resposta nossa. Continue pois, o Popular com essas honrosas transcripções.

E é isto o que o Seculo tem a responder ao nosso ultimo artigo de fundo, onde o sr. Magalhães Lima não leva tal a descompostura brava e furiosa, que essa vae na correspondencia de Lisboa, mas onde uma argumentação logica e cerrada demonstra que os jornaes republicanos não tem cessado d'illudir o publico sobre a votação de Lisboa. Que desgraçados e que desgraçada situação! O da Folha Nova joga-nos uma duzia de faccias, como se tivéssemos culpa do sr. Alves da Veiga ser muito mais votado pelo Porto e por todas as provincias do norte do que o candidato recommendado pela facção Emygdio d'Oliveira. O do Seculo, nem

meio nos responde, com a ajuda que nos trouxe o Diario Popular! Ora vejam o grande homem, que não responde! E vae respondendo sempre! Pois se quer que lhe diga era melhor não ter respondido nada. Escusava de ter mostrado a sua ignorancia, o seu achatamento e o seu despeito nas poucas linhas que encimam esta local.

Olhem o homem que não responde!

DE REBOLÃO

Dois dias depois das eleições lia-se no jornal do sr. Emygdio d'Oliveira, creatura do directorio republicano e amigo particular do sr. Magalhães Lima, membro do mesmo directorio:

«Por todas as razões sabidas e em virtude das insensatas liberações do Directorio do partido, os republicanos do Porto representaram um triste papel n'estas eleições. Nós faremos ver de amanhã em diante a quem tocam estas graves responsabilidades.»

E passados mais dois dias, continuava sobre a insensatez do referido directorio:

«As eleições republicanas que se acabam de effectuar no paiz deviam ser um serio ensinamento para aquelles que se consideram á testa do partido republicano nacional. Ellas vieram denunciar principalmente dois factos da maior importancia. O primeiro que é para nós jubileoso e satisfatorio refere-se á maneira entusiastica como o paiz recebe a ideia e os principios republicanos. O segundo designa que, infelizmente, essa boa vontade do paiz não é auxiliada ou não é comprehendida por aquelles que o partido escolheu como seus dirigentes.

Se para o sul do reino o trabalho da propaganda democratica é uma tarefa relativamente facil, graças ao numero dos combatentes e ao grau d'instrucção dos povos; para o norte do reino ella é mil vezes mais difficultosa, pelo pequeno numero de homens que representam a massa do partido e pela pessima educação politica que os partidos monarchicos incutiram no espirito geral.

Todos estes contratempos, todos estes vícios se combatem pela sabedoria e pela prudencia dos homens superiores. O Directorio Geral do partido tem no meio de tudo isto uma extrema responsabilidade. Durante os periodos normaes, o Directorio tem de ir preparando a opinião e armando os seus batalhões com aquellas virtudes que devem ser o mais forte agente da victoria, ou pelo menos da resistencia, nos momentos de provação.

A constituição geral do partido demanda serias reflexões e atilados estudos. O partido republicano não pode ser já hoje considerado como um grupo de visionarios ou de rapazes generosos que pretendem caminhar na vida pratica como satisfação da vida espiritual bebida nos livros e nas gazetas.»

go Deus commigo, entendiam a parte divina, universal, que anima todas as intelligencias.

A religião catholica vae mais longe; diz aos homens: «Tereis comvosco physicamente o que os estoicos tinham metaphysicamente. Não queiraes saber do que vos dou a comer e a beber, ou a comer simplesmente. Acreditaes que vos dou Deus e é quanto basta; está no vosso estomago. Ha o vosso coração de o manchar por injustiças e torpezas? Vede os homens que recebem o sacramento no meio de uma cerimonia augusta, á luz de cem velas, depois de uma musica que lhes encanton os sentidos, ao pé

d'um altar brilhante de ouro. A inaginação está subjugada, a alma enternecida e arrebatada. Mal respiram, estão longe do mundo, unidos com Deus que lhes corre no sangue, que lhes está na carne. Quem ousará, quem poderá commetter depois d'isso uma só falta, ou sequer pensa-la? Sem duvida que seria impossível imaginar outro mysterio mais capaz de reter os homens na virtude.

Não obstante, Luiz XI envenenava seu irmão quando recebia a eucharistia; o arcebispo de Florença, quando a preparava, e os Pazzi quando commungavam, assassinavam os Medicis na cathedra. O papa Alexandre VI dava

o corpo de Christo ao seu bastardo Cesar Borgia, ao sahir do leito de sua filha bastarda e ambos fazem morrer na forca, ou apunhalados e envenenados todos os que lhes desagradam.

Julio II faz e come Deus; mas, coberto de couraça e capacete, mancha-se na carnificina e no sangue. Leão X ao mesmo tempo que tem Deus no estomago, tem as amantes nos braços e o dinheiro extorquido pelas indulgencias nos cofres e nos cofres da irmã.

Troll, arcebispo de Upsal, faz assassinar á propria vista os senadores da Suecia, com uma bulha do papa na mão. Van Galen,

bispo de Munster, faz guerra a todos os vizinhos e torna-se famoso pelas suas rapinas.

O abbede N... está cheio de Deus, não fala senão de Deus, dá Deus a todas as mulheres, ou sejam imbecis ou sejam loucas, que pode dirigir e rouba o dinheiro dos penitentes.

Que concluir d'estas contradicções? Que nenhum d'estes individuos acreditou verdadeiramente em Deus; que ainda acreditaram menos que se tivessem comido o corpo de Deus e bebido o seu sangue; que nunca inaginaram estar com Deus no estomago; que se o tivessem acreditado firmemente, nunca teriam

commettido nenhum d'esses crimes com reflexão; que, n'uma palavra, o remedio mais forte contra as atrocidades dos homens, tem sido o mais inefficaz. Mais a ideia era sublime, mais degradada ella foi pela malicia humana.

Nenhum dos grandes criminosos que nos tem governado e dos que nos tem roubado acreditou verdadeiramente em Deus. O seu desprezo pelo sacramento que recebiam e que conferiam converteu-se em desprezo pelo proprio Deus.

Que fale agora outra creatura do directorio, outro amigo do sr. Magalhães Lima, o empregado de confiança do sr. ministro da fazenda, ou o sr. Ernesto Loureiro que vem a ser a mesma cousa. E na Verdade, de Thomar.

«O silencio disciplinar que, antes da batalha eleitoral, era uma necessidade politica e um dever partidario, hoje, depois de concluido esse conflicto medonho de interesses elevados em lucta desigualissima com os interesses sordidos e baixos, é tambem dever indeclinavel de todo o homem de bem que maneja uma penna e tem um lugar na imprensa, apontar os erros em que por desventura hajam incorrido os seus proprios confrades.

Neste caso nos achamos nós collocados. Tendo defendido a candidatura por accumulção do nosso querido correligionario, o dr. José Jacintho Nunes, hoje vemos com magua, perdidos os nossos esforços, e malbaratada a importante votação que obtivemos neste circulo. E dizemos malbaratada — porque, quando a experiencia da eleição de 1884 nos aconselhava a unir fileiras, e a reduzir o numero das nossas candidaturas por accumulção, acabamos de ver uma verdadeira *degringolade* electiva, procedendo exactamente da forma contra indicada, o que deu em resultado: augmentar a votação republicana — e diminuir os suffragios obtidos por cada um dos nossos candidatos por accumulção.

Quem não tiver coragem para resistir ás candidaturas intempéstivamente offerecidas ou froucamente ambicionadas não proceda bem, e imita os erros que nós combatemos em relação aos partidos adversos.

Bem sabemos que dizer estas verdades, ou não as dizer, é tudo a mesma coisa, n'esta balla terra do carneiro com batatas; mas é indispensavel que o nosso procedimento futuro seja moldado de forma que sejamos derrotados com honra; isto é: depois de termos disposto as nossas fileiras firmes e cerradas, animadas no patriótico sentimento da utilidade partidaria; e não dispersas a dar tiros para o ar, assoprando bolas de sabão ou bexiga de vento.»

E eis ali a que tudo isto chegou! Mas se os proprios amigos do di-e torio, onde é omnipotente o sr. Magalhães Lima, concordam em que os chefes do partido são uns insensatos, uns tolos, uns ambiciosos, para que não ha conselhos nem emendas, como ousam esses farçolas censurar-nos por dizermos exactamente a mesma cousa?

O que se vê de tudo isto que ali fica e de tudo que se passa é que entre os dirigentes, e a scia que os segue predomina ha muito tempo o *delirium tremens*.

Corre que o sr. Magalhães vae fundar um jornal em Aveiro para nos combater e... se defender! Está bem arranjado. Sebastião-sinho! Agora é que são ellas!

Será com esse o segundo jornal que para o mesmo fim se funda n'esta terra. E não nos dão importancia e não respondem!

Carta de Lisboa

Não recebemos esta semana carta do nosso correspondente de Lisboa.

NOTICIARIO

AOS SRS. ASSIGNANTES

Vamos proceder a nova cobrança, visto que nem todos os nossos assignantes, por quaesquer motivos não satisfizeram os seus debitos. A esses, pois, ay-

samos da nossa resolução, afim de prevenirem a eventualidade de não poderem solver os recibos ao serem para isso convidados pelos funcionarios do erario.

Continuamos a pedir aos srs. assignantes das localidades abaixo mencionadas o obsequio de mandarem pagar os semestres já vencidos.

Angeja, Arada, Elrol, Elxo, Esgueira, Palhaça, Pardeilhas, Sepins, Silveiro, Verdemiho e Cercosa.

Por um estorvo accidental não noticiamos com mais oportunidade o fallecimento de Adelino Veiga, um dos redactores da *Officina*, de Coimbra. O pequeno lapso do nosso silencio não implica, porém, menos estima e consideração por esse espirito que acaba de se evolar da terra. E nem as nossas palavras hoje, repassadas de melancholia, poderão dizer mais do do desventurado poeta do que o exprimiu a unanime dor do povo coimbricense ao acompanhar ao túmulo o seu cadaver.

Aquella imponente e espontanea manifestação de saudade que Coimbra presenciou ha dias synthetisa a consagração e o elogio mais solennes que o panegyrico altaneiro e sublime á memoria da individualidade que viveu pobre, luctou na estacada pelos ideais da vida moderna com o denodo d'um crente, e pobrissimo cáhia no fosso, legando um nome immaculado.

E' multissimo, n'uma existencia cortada de provações, no meio profundamente egoista da sociedade portugueza, é multissimo, é quasi uma excepção n'este tumultuar de ambições frivolas e deleterias, é o mais que se pode exigir — que um párea das vicissitudes sociaes desça á cova aureolado de saudades como premio ao seu caracter impolluto.

A *Officina* dedicou o seu ultimo numero ao malogrado Adelino Veiga.

Nós tambem d'aqui nos associamos ao justo sentimento pelo trespassse do infeliz poeta e operario.

Está restabelecido da grave enfermidade que poz em risco a sua vida, o sr. Manuel Pereira da Cruz, habil medico e nosso estimado conterraneo.

Estimámo-lo sinceramente.

Vae por ali uma bezoirada besbiliboteira contra o bispo da diocese. O elemento lanzado do catholicismo indigena, no seu furor pela tradicção de espectaculos funambulescos, já chegou a dizer, oh extranha profanação!, que aquelle mitrado é maçon, pedreiro livre e não sabemos que outros nomes feios, pelo facto de haver prohibido umas certas figuras allegoricas nos prestitos religiosos, com grave irreverencia ás sagradas escripturas e grande escandalo das christandades.

O caso tem tomado as proporções d'um scisma, e a opinião dos fieis principia de azedar-se contra o bispo. A santa bezoirada não quer innovações no culto. Mas, o que causa mais reparos, é que os que mais cospem no conde d'Arganil todas as suas iras religiosas, são precisamente os mais patifes e os que mais tem lucrado com a *santa religião*.

Ao menos são coherentes estes hypocritas catholicos d'uma figa.

Agora, á policia:

Por muitas vezes temos chamado a attenção da auctoridade respectiva para um chiqueiro permanente na rua de S. Martinho, sem nada obtermos. Não é preciso indicar o foco: basta uma simples visita áquella rua, e o ar viciado que lá se aspira denuncia logo a procedencia.

Ignoravamos os mais importantes detalhes do incidente que occorreu ha dias entre os zeladores municipaes e o sr. dr. Alvaro de Moura. Tão insignificante julgámos esse acontecimento que nem lhe fizemos referencia ha mais tempo. Hoje estamos, porém, convencidos do modo irregularissimo e censuravel por que se concluziram aquelles empregados com o sr. dr. Alvaro.

Aquillo não é fórma de policia, são arrogancias de empregados boçaes e indelicados, quando aliás o infractor é um cavalleiro e não se negava a satisfazer a multa que no entretanto lhe era bem applicada. Não é assim que se fiscalisa o cumprimento das posturas municipaes.

O sr. dr. Alvaro vae proceder contra o zelador pelos prejuizos que lhe causou no trem.

Tem recolhido a Aveiro alguns academicos, em consequencia do alarme que uns casos de typho produziram em Coimbra.

Segundo, porem, os jornaes coimbricenses, não ha razão para sustos. O estado sanitario não é tão anormal, como o fez suppor a precipitação da retirada de parte da academia, e as noticias terroristas que se espalharam no paiz.

Foi regularmente abundante a feira de madeira que teve lugar hontam.

Os preços não foram elevados.

O mundo official e a pasmação do Zé esperam com ansiedade que a sr.^a D. Amelia d'Orleans seja mãe. Aquelles quatro dias de feriado e a festança do estylo constituem o souho de todo o momento d'aquellas duas entidades.

Respeitámos os affectos maternaes; mas o neto dos soberanos portuguezes vem ao mundo n'um tempo fatidico para as magestades terrestres: o povo já sabe quanto lhe custam as dores das regias parturientes, porque tira do seu pão duro e negro com que as privilegiadas creaturas vivam n'uma atmospheria de grandezas e ociosidades, emquanto o triste párea do contribuinte misero e desprotegido verga de manhã á noite sob um trabalho assiduo e penoso, e no meio de privações dolorosas mal agencia para sustentar a sua prole delinhada e rachitica.

Iamos fugindo sem querer para o sentimentalismo, e o thema mais se presta a commentarios acidulados. A imprensa vae já experimentando adrede o animo da opinião, dizendo que o governo tenciona levar ás camaras uma proposta para que, por causa do nascimento d'um novo principe-lho, a lista civil seja augmentada em vinte contos de reis por anno!

E' possivel que haja exaggero de cifra; mas é incontestavel que o filho da sr.^a D. Amelia vae onerar o thesouro publico.

Ah! o Zé é que não quer comprehender o fatalidade de crear seres por tal preço! Elle o comprehenderá talvez quando lhe arrancarem a pelle, porque camisa duvidámos que tenha ainda.

A proposito diz um jornal do governo com uma beatifica singeleza:

«Ainda não nasceu o futuro principe ou princeza da Beira; contudo S. Alteza a Princeza D. Amelia não está em estado de inspirar receios.»

Não é tanto assim. Se alguns receios deve inspirar é á nossa defecada bolsa. Emquanto ao resto, desejámos á gentil sr.^a a mais feliz hora de bom successo, e depois... que deixe em paz este malaventurado paiz já que a fatalidade a impelliu a ser um dos seus elementos de anemia e protração.

A uma quadra temperada de que gozavamos ha uns dias succedeu uma intemperie rigorosa. O norte frigidissimo acoitou-nos esta semana, o que deve ter euzado prejuizos á agricultura. A humanidade obrigou com certeza a preservar-se contra os seus rigores reforçando o agasalho do corpo.

Está-se complicando a questão de Zanzibar. Como portuguezes e patriotas, desejavamos que do conflicto sahissem airoosamente; mas não sabemos, não soubemos ainda fazer valer o nosso prestigio na Africa, o receámos por isso que outro insulto venha juntar-se aos tantos com que temos sido affrontados n'aquella região.

O *Temps* de ha dias dava o seguinte telegramma:

«Um grande numero de nacionaes inglezes chegaram a Zanzibar com suas familias, para entregar ao consul um protesto contra o bombardeamento de Minengami, na bahia de Tungue, pelos portuguezes e para pedir ao governo inglez que reclame uma indemnisação a Portugal.

«Foi somente, dizem elles, ás 8 horas da noite de 13 de fevereiro, que foram convidados para sairem de Tungue antes da manhã do dia seguinte, que era quando devia precipitar o bombardeamento. Debalde, acrescentam elles, pediram maior prazo aos portuguezes.

«Tiveram assim de fugir para os campos e chegaram a Zanzibar extenuados de forças e no meio das maiores privações.»

Isto é muito grave, e a Inglaterra sabe quanto valem quando nos quer dar um pontapé. São isto verdades que se escrevem com o espirito revoltado, mas que tantos exemplos, infelizmente, nol-as não podem esconder.

Por outro lado, o sultão de Zanzibar nomeou como seu commissario para discentir a questão dos limites, o general Mathews. Dizem alguns nossos collegas que este general é d'origem portugueza, nasceu em Lisboa, é filho d'um martheiro inglez e de mãe portugueza. Esteve muito tempo em Lamezar e tem-se mostrado sempre hostil a Portugal.

Veremos em que para uma questão, cuja melhor face se nos entremostrou em principio.

Vae fundar-se em Castello Branco um banco destinado a proteger os interesses agricolas d'aquelle districto. O premio do dinheiro mutuado não excederá 2 e meio por cento, sendo garantido por hypotheca.

A empresa «Noites Romanticas» do sr. F. N. Collares, desejando corresponder ao sympathico acolhimento que lhe tem dispensado os seus assignantes, não hesitou, apesar de reconhecer os pesados encargos que d'ahi lhe resultam, em escolher para augmentar o catalogo das suas obras a *Historia de Victor Hugo*, certa de que o favor publico a receberá favoravelmente.

A empresa «Noites Romanticas» traduzindo aquella obra para a nossa lingua, tem em vista consagrar um respeitoso preito ao maior vulto d'este seculo que por mais de uma vez sentiu o seu generoso coração bater unisono com os corações d'este extremo da Europa, como por exemplo, quando se decretou a abolição da pena de morte ou quando se celebrou entusiasticamente o tricentenario de Camões.

A tradução está confiada ao bem conhecido escriptor Teixeira Bastos.—As illustrações são finissimas e executadas pelos principaes artistas nacionaes e estrangeiros.

Recebem-se assignaturas no escriptorio da Empresa, rua da Atalaya, 48. Na secção respectiva vae o annuncio.

O primeiro fasciculo sae na proxima semana.

As camaras municipaes dos concelhos abaixo mencionados abriram concursos para o provimento das seguintes escolas de ensino primario:

Arauda, elementares mixtas nas freguezias de Sapataria, Cardosas, S. Lourenço de Arranhó e S. Thiago dos Velhos; ordenado de cada uma 100\$000 reis.

Figueira de Castello Rodrigo, complementar do sexo masculino na sede de concelho; ordenado 300\$000 reis.

Felgueiras, elementares do sexo masculino nas freguezias de Airões, Caramos, Freunde, Joazeiros, Moure, Macieira, Refontoura e Unhão; ordenado de cada uma 100\$000 reis.

O sr. Maxime Lisbonne, exforçado da communa, chegou ha dias a Lisboa no vapor *Congo*, dirigiu ao rei a seguinte carta:

Cidadão rei:—Tenho a honra de vos pedir que vos digneis conceder-me uma audiencia, a fim de vos entregar varios documentos relativos a direitos adquiridos por meu pae, Augusto Lisbonne, que por occasião da guerra da independencia de Portugal, ahí militou, como capitão do batalhão francez.

Na esperança de que me não recusareis o favor que sollicito, peço-vos que acceiteis, cidadão rei, a homenagem de meus respeitosos sentimentos.

M. Lisbonne.

Exforçado da communa.

O cidadão Lisbonne hospedou-se no *Hotel de Lisboa*, porém, não se podendo fazer comprehender pelos serviaes, mudou de residencia, e acha-se hospedado no *Hotel de France*.

Espera ansioso a resposta da carta que dirigiu ao *cidadão rei*, e aguarda que este lhe conceda a audiencia que sollicitou.

Diz elle que, assim como um alfaiate tem direito de exigir perante os tribunaes o pagamento das dividas que os seus freguezes lhe legaram, assim tambem Portugal deve pagar o soldo de campanha que deve a um official francez, que combateu em prol da libertação do nosso paiz.

A «*Penang Gazette*» conta um audacioso caso de pirataria que se deu na bocca do rio Trang, perto de Penang, India, pelos malaios contra uma escuna que tendo chegado de Penang, fundeou por causa da corrente, ás 4 horas da tarde do dia 18 de novembro, no referido rio. Pouco depois de ter a embarcação fundeado, abordaram-n'a nove malaios, armados até os dentes, que, com pretexto de procurar beteles, atacaram primeiro o «sarang», que fugiu e se escondeu no seu esconderijo, d'onde ouvia o estrondo que faziam os corpos dos seus companheiros que atacados pelos piratas eram assassinados e atirados á agua. Deram busca depois os piratas ao «sarang», e não o podendo encontrar, sahiram da embarcação levando tudo o que podiam e mil patacas que havia a bordo para compra de gados. O «sarang», então, tomou o commando da escuna, elle só, porque os seus companheiros foram todos assassinados, navegou até ás 10 horas da manhã seguinte em que perto do pharol Muka Head encontrou o vapor «Leila» que o tomou a bordo; levou a escuna a reboque para Penang onde deu parte á policia, que está fazendo toda a diligencia para descobrir os piratas, que infelizmente o «sarang» não pode conhecer.

A canhoneira siamesa «Coronation», com um commissario especial a bordo, partiu de Penang no dia 13 do corrente para o rio Trang, para investigar seriamente o caso.

Lecciona-se instrucção primaria e principios de francez. Para informações, na Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

BIBLIOGRAPHIA

Os Miseráveis.— Saíram á luz e recebemos o 62.º fascículo. Toda a correspondência deve ser dirigida á Livraria Civilisação, ao sr. Eduardo da Costa Santos, rua da Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

Almanach republicano para 1887. XIII anno, por Garrilho Videira.

Saíram á luz este interessante almanach, que contém além das tabeellas das marés, caminhos de ferro, theatros, correios, incendios, etc., varios e importantes trabalhos de propaganda democratica e scientifica por escriptores nacionaes e estrangeiros.

Recommenda-se ao publico a aquisição do livro. Custa apenas 100 réis, e vende-se em Lisboa na Livraria Internacional, á rua do Arsenal, 96, 100.

Na administração d'este periodico tambem se acham á venda alguns exemplares do referido almanach.

A Alcova das Princesas e Rainhas.—E' uma das mais bellas edições que tem produzido a empreza Noites Romanticas.

Publicou-se o fascículo 25. Assigna-se em Lisboa na rua d'Alatalaya, 18.

A Illustração Portugueza.—Recebemos o n.º 33 do terceiro anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

A Martyr.—E' um interessante romance editado pela empreza dos Serões Romanticos.

Recebemos o fascículo 19. Assigna-se em Lisboa na rua da Cruz de Pau, 26.

ANNUNCIOS

VENDA DE CASAS

VENDE-SE uma nova, alta, com quintal e poço, e construida de pedra, que faz frente para a rua da Sé e frente para a rua da Cadeia e tem sahida para a rua do Roxo. Quem a pretender falle na mesma com o dono.

Francisco Augusto Duarte.

BILHAR

Vende-se um francez, de pau santo, em muito bom estado, com tacos, taqueira, tres bolas grandes, e cinco pequenas de jogar as russianas.

Quem pretender, n'esta redacção se diz

MOGOFORES DE ANADIA

Domingos Maria da Costa, negociante de Mogofores, participa ao respeitavel publico em geral que vae abrir um armazem de vinho para vender por atacado, na nova rua da estação do caminho de ferro em Aveiro, n'uma casa do sr. Joaquim Pacheco. Esse armazem abre só ás quintas e sexta-feiras de cada semana. Nos dois dias este novo armazem vende vinho, geropiga, e aguardente por pipa e por almude. Vende tambem trigo americano, por grosso. Os preços são commodos. Todos os freguezes que lhe quizerem dar a preferencia se darão bem. O vinho é branco e tinto.

Mogofores, dezembro de 1886. Domingos Maria da Costa.

ANGELO DA ROSA LIMA

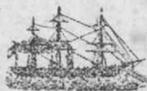
OFFICINA E DEPOSITO DE NOVELAS

Aveiro, Rua dos Mercadores, n.º 42, 44, 46, 50 e 52

TEM grande sortido de moveis, taes como: commo-das, meias commo-das, cadeiras de diferentes feitios, mezas de gostos diferentes, camas, lavatorios, toucadores, caixas de cabeceira, cabides etc., etc.

Tem tambem espelhos de crystal em diferentes tamanhos, assim como gaderias, opatères e grande sortido de molduras de diferentes larguras em dourado e preto, o que tudo vende por um preço convidativo e sem competidor n'esta cidade.

BOOTH AND RED CROSS LINES OF STEAMERS



Para os portos e nas datas abaixo mencionadas sahirão de Lisboa os seguintes paquetes inglezes:

MANAUENSE em 13 de março para PARÁ e MANAUS.

ANSELM em 26 de março para PARÁ.

LIVERPOOL E RIVER PLATE MAIL STEAMERS

Em 24 de março sahirá de Lisboa o paquete inglez SIRIUS, tomando passageiros para Bahia, Rio de Janeiro, Santos e Rio Grande do Sul.

MALA IMPERIAL ALLENÁ

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos sahirão os paquetes:

SANTOS VALPARAISO em 12 de março, em 26 de março,

XAROPE PEITORAL DE MAYA

Muito util no tratamento das pneumonias. Combate de prompto as tosses convulsas e bronchites.

ANTI-RHEUMATICO DE MAYA

Com o uso de quatro a seis fricções d'este precioso medicamento, desaparecem immediatamente as dores nevralgicas, doras das juntas, e rheumatismo muscular.

Injecção d'Young

Remedio eficaz no tratamento das purgações tanto antigas, como modernas.

PONADA DO DR. MORAES

A mais efficaz para obter a cura das impigens, herpes, e muitas outras moléstias de pelle.

Todas estas especialidades se encontram á venda na pharmacia de Francisco da Luz, & F.º, em Aveiro, e na pharmacia Maya, em Oliveira do Bairro; aonde se satisfaz de prompto qualquer pedido tanto em grande escala, como em pequena, pelo correio.

HISTORIA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com magnificos retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha e dos homens mais notaveis do seculo XIX.

GRANDE EDIÇÃO PATRIOTICA

Variosos BRINDES a cada assignatura, consistindo em 4 magnificos QUADROS compostos e executados por professores distinctos. Os BRINDES distribuidos a cada assignante vender-se-hão avulsos por 50 réis. A obra publica-se aos fasciculos, sendo um por mez. Cada fascículo, grande formato, com 64 paginas custa apenas 240 réis sem mais despeza alguma. No Imperio do Brasil cada fascículo 800 réis fracos. A obra é illustrada com notaveis retratos em numero superior a 40. Esta collecção de retratos, rarissima, vende-se hoje, quando apparece, por 12 e 15 libras. A obra completa, que comprehende 4 volumes grandes não ficará ao assignante por mais de 10300 réis fortes. Já se distribuiu o 2.º fascículo d'esta obra notavel pela belleza dos retratos, pelo esmero da edição e pela competencia e elevação com que é escripta pelo conhecido escriptor José d'Arriaga. Está aberta a assignatura para esta notavel edição em todas as livrarias de Portugal e Brasil e na LIVRARIA PORTUENSE DE LOPES & C.º—EDITORES RUA DO ALMADA, 123—PORTO

Recebem-se propostas para correspondentes em todo o paiz e no estrangeiro.

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

OFFICINA DE SERRALHERIA

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, autorizado e aprovado pelo governo, pela junta consultiva de saúde pública

É o melhor tónico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetito, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou insecção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescência de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as crianças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao toaste, para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafeição, os envoltorios das das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na farmacia Franco, em Belem.

Depósito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

PUBLICAÇÕES DEMOCRATICAS

THEOPHILO BRAGA:— Historia das Ideias Republicanas em Portugal, desde 1640 até hoje, 600 rs. Soluções Positivas da Politica Portugueza, 3 vols., 620 rs. Curso de Historia da Litteratura Portugueza, 13500 rs. Miragens Seculares, poesia revolucionaria, 800, cart. para brinde de 18000 rs.

TEIXEIRA BASTOS:—Programma Federalista radical, 60 réis. A Marselheza, texto, traducção, musica e retracto, 200 rs. Conte e o Positivismo, 200 rs. Catholicismo republicano para uso do povo, 120 rs. Vibrações do Seculo, poesia revolucionaria, 600 rs.

CARRILHO VIDEIRA:—Liberdade de

consciencia e o juramento catholico, 120 rs. A Questão social, as Budas Reaes e o Congresso Republicano, 400 rs. Almanach Republicano para 1886, XII anno, 120 réis.

PAULO ANGELO:— Os assassinos de Prim e a politica em Hespanha, 300 rs. BIBLIOTHECA DAS IDEIAS MODERNAS:—Obras de Drapper, Lubbah, Wurtz, Littré, Schmidt, Saylor, Moleschatt, etc. L.ª serie cart. 700 rs., os 10 vols. em br. 500 rs., cada um 50 rs.

Muitas obras de propaganda scientifica e republicana, allegorias da republica e retractos dos grandes homens. Envia-se os catalogos a quem enviar a importancia do porte a Garrilho Videira, rua do Arsenal, n.º 96, livraria, Lisboa.

EMPREGADO

PRECISA-SE d'um que saiba ler e escrever, para cobrador e vendas e que seja activo para o negocio.

Quem estiver nas condições queira dirigir-se á Companhia Fabril «Singer»—Aveiro.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente autorizado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e aprovado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Depósito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

Esplendida edição portugueza, illustrada com 500 gravuras novas compradas ao editor parisienese EUGÈNE HUGUES

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.º e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanais de 32 paginas ao preço de 100 réis, pagos no acto da entrega.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

GENEBRA—MOREIRA & C.ª

CHAMAMOS a attenção de todos os srs. consumidores para estas qualidades de genebra. E' a mais barata, a mais estomacal e a melhor até hoje conhecida.

Tem acolhimento geral em todo o paiz, e foi premiada na ultima exposiçáo de Lisboa.

Depósito: Todos os estabelecimentos de mercearia e muitos outros no Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) Mor.ª & C.ª, e a rolha com a firma (fac-simile) dos fabricantes.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente autorizada e privilegiada. E' um tónico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetito, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres grávidas e amas de leite, pessoas edosas, crianças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 206 réis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Nas cocheiras do hotel Cysne do Vouga, em Aveiro, ha sempre esplendidos cavallos para vender, perfeitamente ensinados para trem e cavallaria.

NOITES ROMANTICAS

EMPRESA EDITORA F. N. Collares.



80 réis cada fascículo de 32 paginas, ou 24 e uma estampa. Assigna-se em Aveiro, na rua do Mercadores, 19.

O ULTIMO BEIJO

POR

HENRIQUE PERES ESCRICH

Está aberta a assignatura para este esplendido romance, que constará de 4 volumes, illustrados com magnificas gravuras de pagina.

No Porto a distribuição será feita semanalmente aos fasciculos de 48 paginas, e alternadamente uma gravura, sem augmento de preço, custando cada fascículo 60 réis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias a remessa será feita aos fasciculos de 96 paginas e uma gravura, pelo preço de 120 réis cada fascículo, franco de porte.

Para fóra do Porto não se envia fascículo algum sem que previamente se tenha recebido o seu importe.

A distribuição começará por todo este mez.

Distribuem-se prospectos e recebem-se assignaturas na livraria o editor Joaquim Antunes Leitão, ruado Almada, 215, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia, franca.

Em Aveiro assigna-se em casa do sr. David da Silva Mello Guimarães.